

23.julho.1962 - 2ª Feira

Domingo, com frio ou com calor, com chuva ou com sol, é sempre domingo.

Se durante o dia passa-se algumas horas calmas e sossegadas, sem se ter o que fazer, à noite o cinema é sagrado.

Há os que preferem a primeira sessão. E há os que preferem a segunda sessão.

E o interessante disso, é que os habitués" das sessões cinematográficas são sempre os mesmos.

Por isso, quando se vai ao Consórcio, por exemplo, já se sabe quais as pessoas que ali se vai encontrar.

Difícilmente se vê algo diferente.

Mas, agora nós estamos no período de férias, e, nas férias o trânsito de pessoas é mais intenso: umas vêm para Jacarezinho e outros daqui saem.

Por isso, estamos vendo a cada instante na rua Paraná alguma "cara-nova" que chega até a dar a impressão de que Jacarezinho já está se tornando uma grande metrópole, onde quase ninguém mais se conhece...

Mas, nós continuamos sempre aqui, sem sair de nossa terra. Por isso, fomos ontem ao cinema. E no Consórcio.

Geralmente quando restam poucos minutos para a função ter início, as filas para se adquirir os ingressos são enormes.

Por esse motivo, chegamos bem cedo. Não eram nem dezoito horas.

Chegamos, abrimos um jornal e começamos a ler.

Aliás, naquele instante deveria haver uma meia dúzia de pessoas.

As notícias nos jornais não eram lá muito interessantes, por isso o órgão informativo foi logo deixado de lado, sendo substituído pela apreciação das pessoas que pouco a pouco iam chegando.

Em dado instante, olhamos para trás. Talvez que por curiosidade. Talvez por coincidência. Ou talvez ainda por um sexto sentido que nos alertava para algo que estava para acontecer.

O fato é que olhamos para trás.

E o tempo ainda de ver uma cena que, se não se revestisse de um certo "perigo" seria até bastante cômica.

Pois naquele exato instante, um guapo rapaz, entrando apressadamente no cinema, quem sabe por descuido não notou



a enorme "ladeira" que existe logo à entrada da platéia;

O tombo não demorou. O barulho foi infernal.

E, por alguns segundos houve aquele "suspense"; todos aguardando para ver se o rapaz havia se machucado.

Mas, como ele se levantou também num salto, como se nada tivesse havido, um gargalhar uníssono das trinta pessoas a té então presentes, se fez ouvir.

E, corado de vergonha da cabeça aos pés, o rapaz sentou-se numa das poltronas, todo encolhido pela humilhação que passara.

Mas, soubesse ele que antes, outros, muitos outros por ali também caíram, certamente não teria sentido tanto o vexame da queda pública...